

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/peb73p54>

A origem do mal em Santo Agostinho

Givanildo José de Souza¹

1 INTRODUÇÃO

A investigação sobre a origem do mal tem sido um tema de grande interesse ao longo dos séculos, atraindo a atenção de uma ampla gama de pensadores em várias disciplinas. Desde tempos antigos, filósofos, teólogos e cientistas têm dedicado tempo e esforço para explorar essa questão complexa, que transcende as fronteiras tradicionais das áreas de estudo, incluindo tanto o domínio religioso quanto o filosófico e científico.

¹ Mestrando em Ensino de Filosofia pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano. E-mail: pegivanildosouza@gmail.com

Entre os muitos pensadores que se destacam nesse contexto está Santo Agostinho, Bispo de Hipona no século IV, cujas obras oferecem uma análise profunda sobre a natureza do mal, a liberdade da vontade humana e a relação entre o mal e o pecado original (Agostinho, 2017). Agostinho argumenta que o mal não é uma entidade substancial em si mesma, mas sim uma carência de bem, uma ausência de ser. Essa visão ressalta a importância da vontade humana na escolha entre o bem e o mal, sendo o pecado original considerado como o catalisador para a entrada do mal no mundo humano.

Além disso, Agostinho discute a necessidade da graça divina como meio de superação do mal. Ele sugere que, após o pecado original, a humanidade ficou sujeita ao sofrimento físico e moral, mas a redenção trazida por Cristo oferece a possibilidade de restauração e salvação, enfatizando assim a importância da liberdade de escolha humana e da intervenção divina na luta contra o mal (Gilson, 2006).

Explorar o mal de uma perspectiva multidisciplinar revela a relevância não apenas das interpretações religiosas, mas também dos avanços científicos e filosóficos. Descobertas em campos como física, cosmologia, biologia e psicologia têm contribuído significativamente para uma compreensão mais ampla do universo e da natureza humana, abrindo novas possibilidades para a investigação do problema do mal (Gilson, 2006).

Portanto, a questão da origem do mal continua a desafiar a humanidade, requerendo uma abordagem integrada e uma busca

Re(senhas)

constante por compreensão e resolução. Ao examinar as obras de pensadores como Santo Agostinho e considerar os avanços científicos modernos, podemos progredir significativamente em nossa compreensão desse fenômeno complexo e intrínseco à condição humana.

A metodologia empregada nesta pesquisa reflete uma abordagem reflexiva para explorar as ideias de Santo Agostinho sobre o mal. Inicialmente, as obras originais do autor foram analisadas para compreender suas perspectivas fundamentais diretamente de suas próprias palavras. Além disso, foi crucial consultar fontes secundárias, como comentários de especialistas e análises acadêmicas, para obter insights adicionais e aprofundar a compreensão do pensamento agostiniano sobre o mal.

Neste vies, o objetivo central desse estudo, compreender a concepção de Santo Agostinho sobre a origem do mal. Busca-se investigar como o pensador aborda essa questão complexa.

2 A INTERSEÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NA FILOSOFIA DE SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho, em sua análise perspicaz, observa que a vontade humana é um campo vasto onde convergem uma miríade de influências, desde os impulsos individuais mais íntimos até as complexas pressões sociais que permeiam o tecido da sociedade

Re(senhas)

(Agostinho, 2000). Nessa abordagem, ele oferece uma visão mais abrangente e penetrante das intrincadas nuances da natureza humana, evidenciando como a desconexão com o divino deixa o ser humano vulnerável às insidiosas seduções do pecado e das tentações.

É importante ressaltar que Agostinho não se contenta apenas em apontar a fragilidade humana; ele também destaca a inerente capacidade do indivíduo de fazer escolhas e trilhar o caminho da virtude e da redenção. Além disso, o filósofo explora em profundidade o papel crucial que a comunidade desempenha na formação moral do indivíduo (Costa, 2014; Agostinho, 2000). Ele enfatiza a influência determinante da educação e do exemplo como elementos fundamentais na transmissão dos valores éticos e espirituais.

Agostinho sustenta que o convívio em sociedade desempenha um papel crucial na formação da vontade humana, podendo influenciá-la de maneira positiva ou negativa, dependendo dos padrões morais e das influências predominantes no meio em que se vive (Agostinho, 2000). Ele não se restringe a discutir questões teológicas e filosóficas sobre o mal, mas também se empenha em fornecer orientações práticas para uma vida virtuosa e equilibrada.

Em suas obras, Agostinho não apenas incentiva os indivíduos a cultivarem a virtude e resistirem às tentações, mas também os exorta a buscar incessantemente a reconciliação, tanto com a divindade quanto com seus semelhantes (Agostinho, 2000). Ele reconhece que a vida em comunidade pode ser tanto um incentivo quanto um obstáculo ao

Re(senhas)

desenvolvimento moral e espiritual, e, portanto, promove a importância de escolhas conscientes e da busca por um caminho que promova a paz e a harmonia entre as pessoas.

Para ele, a fé desempenha um papel fundamental na resolução de questões filosóficas, enquanto a verdade é buscada nas Sagradas Escrituras. Ele argumenta que, embora Deus seja onisciente e conheça todos os nossos atos livres, nosso livre-arbítrio permanece intacto e não é manipulado por Ele (Agostinho, 2007). No entanto, é relevante destacar que, do ponto de vista religioso, a razão precisa passar por um processo de purificação ou amadurecimento para compreender as realidades espirituais, dada a limitação da natureza humana ou, como ele sugere, devido ao pecado original (Costa, 2014).

Assim, ao conectar fé e razão, Agostinho argumenta que a razão é impulsionada a compreender as realidades temporais como tendo um significado eterno, enquanto a fé possibilita uma interpretação racional dos dogmas religiosos. Embora fé e razão sigam caminhos diferentes, ele defende que ambas convergem, já que a fé está sempre a serviço da razão (Novaes, 2007). No entanto, ele enfatiza que a fé precede a razão, pois é necessário crer primeiro para compreender os conteúdos da fé, embora a razão desempenhe um papel vital ao aprimorar essa compreensão.

A interdependência entre fé e razão constitui um tema central na busca pela compreensão dos mistérios do universo. Ao invés de serem concebidas como conceitos antagônicos, fé e razão se entrelaçam

Re(senhas)

de maneira complexa, transcendendo as fronteiras do tempo e do espaço. A razão, frequentemente retratada como uma bússola, oferece orientação nos labirintos das realidades tangíveis e intangíveis, fornecendo um arcabouço lógico para a investigação e compreensão do mundo ao nosso redor. Por outro lado, a fé age como uma lente que amplia nossa visão, permitindo uma compreensão mais profunda dos mistérios divinos e proporcionando um sentido de significado e propósito para a existência humana.

Segundo Costa (2014) e Novaes (2007), a relação entre fé e razão é de complementaridade, não de contradição. Ao invés de eclipsar a razão, a fé a enriquece, capacitando-a a enxergar além do visível e do tangível, adentrando nos domínios do transcendental e do espiritual. Nesse sentido, a fé funciona como um catalisador para a expansão dos horizontes da razão, encorajando a exploração de questões que vão além dos limites da compreensão puramente científica. Essa simbiose entre fé e razão não apenas fortalece a jornada intelectual e espiritual do ser humano, mas também abre novos horizontes para a investigação da verdade última.

Ao invés de serem concebidas como polos opostos, a fé e a razão se revelam como parceiras inseparáveis na busca pela verdade e pelo significado. A fé oferece uma perspectiva que transcende as limitações da razão puramente empírica, enquanto a razão fornece um alicerce sólido para a fé, permitindo uma abordagem crítica e racional das questões espirituais. Essa interação dinâmica entre fé e razão

Re(senhas)

enriquece não apenas a jornada individual de cada pessoa, mas também enriquece o diálogo entre diferentes tradições religiosas e perspectivas filosóficas, promovendo um entendimento mais profundo e inclusivo das complexidades da experiência humana..

Ao explorar o mal sob diferentes lentes, descobre-se que sua natureza é multifacetada e complexa. Não se trata apenas de uma ausência de bondade, mas sim de um intricado emaranhado de questões morais, físicas e existenciais que desafiam a compreensão. De acordo com Novaes (2007), uma abordagem multidisciplinar se faz necessária, contemplando não apenas os aspectos teológicos e filosóficos, mas também as esferas científicas e psicológicas. Somente assim é possível vislumbrar as várias camadas desse fenômeno intrigante.

No âmbito da reflexão agostiniana sobre o mal, a vontade humana se destaca como um elemento fundamental. Agostinho (2000) ressalta a dualidade inerente à liberdade de escolha: embora conceda o poder de determinar o próprio destino, também expõe ao risco do mal. A vontade, quando desviada de seu propósito original, pode tornar-se uma fonte de pecado e sofrimento, conforme alerta o autor.

No entanto, Agostinho (2014) não se limita a expor as consequências negativas desse desvio da vontade; ele oferece uma mensagem de esperança. O autor acredita na possibilidade de redenção, na restauração da vontade humana pela graça divina. Mesmo em meio às trevas do pecado, Agostinho vislumbra uma luz que pode elevar além das limitações impostas pela queda.

Re(senhas)

Essa perspectiva agostiniana sobre a vontade humana reflete não apenas a sua compreensão teológica, mas também uma visão otimista sobre a capacidade de transformação e renovação do ser humano. Ao reconhecer o potencial tanto para o mal quanto para o bem na vontade humana, Agostinho nos convida a contemplar não apenas as fraquezas humanas, mas também as possibilidades de crescimento e redenção que residem em cada indivíduo. Ao confrontar o mistério do mal, somos convidados por Agostinho a uma jornada filosófica que transcende os limites do intelecto humano.

Nesse caminho sinuoso, somos desafiados a buscar respostas, ainda que confrontem com a finitude da compreensão diante do infinito mistério divino. Além das abordagens teológicas e filosóficas, Agostinho nos conduz por uma análise psicológica profunda do mal. Ele nos leva a explorar as profundezas da vontade humana, investigando as motivações e os impulsos que levam a escolher entre o bem e o mal.

Em suma, a obra de Agostinho ecoa através dos séculos, oferecendo insights profundos e provocativos sobre a intersecção entre fé, razão e vontade humana. É um convite à reflexão constante, à busca incessante pela verdade e à redescoberta da conexão com o divino. Seu legado desafia a confrontar o mal em todas as suas manifestações, mas também inspira a vislumbrar a possibilidade de redenção e transcendência através da graça divina.

Santo Agostinho vai além da simples análise teológica do mal e mergulha nas profundezas da psicologia humana, reconhecendo que a vontade humana, apesar de sua liberdade intrínseca, é influenciada por uma complexa rede de fatores. Desde os desejos e paixões individuais até os condicionamentos sociais que permeiam o tecido da sociedade, Agostinho (2000) compreende que esses elementos moldam e direcionam as escolhas humanas.

Essa abordagem psicológica do mal oferece uma perspectiva mais ampla das complexidades da natureza humana, destacando como o afastamento de Deus torna o ser humano suscetível às influências do pecado e da tentação. Agostinho reconhece a fragilidade inerente à condição humana, enquanto também ressalta a capacidade do indivíduo de exercer seu livre arbítrio e escolher o caminho da virtude e da redenção, mesmo diante das pressões sociais e das inclinações naturais para o mal.

Nessa visão, Agostinho revela a tensão constante entre a liberdade e a influência do ambiente externo, entre a capacidade de escolha individual e os condicionamentos sociais. Essa dualidade é essencial para compreender a dinâmica da vontade humana e sua relação com o mal. Ao reconhecer tanto a vulnerabilidade quanto a responsabilidade do ser humano em suas escolhas, Agostinho oferece um retrato complexo e multifacetado da condição humana diante do dilema do mal.

Assim, para Agostinho, a vontade humana não é apenas um agente livre e autônomo, mas também está sujeita a uma interação complexa com os impulsos internos e externos que moldam suas decisões. Essa compreensão profunda da psicologia humana enriquece sua análise sobre o mal, destacando a importância de considerar não apenas as dimensões teológicas, mas também as nuances psicológicas e sociais envolvidas na trajetória moral do indivíduo.

Adicionalmente, o filósofo aborda o papel crucial da comunidade na formação moral do indivíduo. Ele salienta a importância da educação e do exemplo como meios fundamentais na transmissão dos valores éticos e espirituais. Agostinho argumenta que a convivência em sociedade pode tanto fortalecer quanto corromper a vontade humana, dependendo das influências e dos padrões morais que predominam no meio (Agostinho, 2000).

Por meio de suas obras, o pensador não busca somente esclarecer as questões teológicas e filosóficas do mal, mas também oferecer orientações práticas para uma vida virtuosa e harmoniosa. Ele encoraja os indivíduos a cultivarem a virtude, a resistirem às tentações e a buscarem constantemente a reconciliação tanto com Deus quanto com o próximo (Agostinho, 2000).

3 VISÃO DE SANTO AGOSTINHO SOBRE O MAL E SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA HUMANA

Re(senhas)

A compreensão do conceito do mal, na filosofia de Santo Agostinho, emerge de uma profunda reflexão metafísica sobre a natureza do ser e sua relação com Deus, o Sumo Bem. Agostinho postula que Deus é o Ser perfeito, transcendente e fonte de toda bondade. Todas as coisas, segundo ele, existem para, com e por Deus. Essa concepção metafísica fundamental permeia sua análise do mal, fornecendo a base para sua compreensão da existência do mal no mundo (Agostinho, 2019).

Para Agostinho, o conceito de mal vai além de uma simples entidade ou substância tangível; é, antes, uma ausência de perfeição, uma privação do bem. Ele argumenta que todas as criaturas, incluindo os seres humanos, carregam consigo uma espécie de carência original, uma falta intrínseca que as impulsiona a buscar preencher esse vazio por meio de processos de mudança e aquisição. Essa noção de carência não é vista por Agostinho como algo negativo, mas sim como uma condição essencial para a existência de mutabilidade e desenvolvimento nas criaturas.

Agostinho fundamenta essa visão da carência original nas noções de medida, forma e ordem, os quais ele considera como atributos universais essenciais para a bondade das coisas criadas (Gilson, 2006). Esses princípios não apenas definem a natureza das criaturas, mas também estabelecem um padrão de perfeição que elas aspiram alcançar. Nesse sentido, a carência não é simplesmente uma

falta, mas um impulso em direção à realização plena desses atributos, uma jornada em busca da própria essência.

Ao considerar o mal como uma privação do bem e a carência como uma condição inerente à existência, Agostinho oferece uma visão complexa e profundamente filosófica sobre a natureza da realidade. Essa compreensão não apenas lança luz sobre a questão do mal, mas também fornece uma estrutura conceitual para entender o propósito e a natureza das criaturas, situando a busca pela perfeição dentro de um contexto mais amplo de ordem cósmica e divina. Assim, o mal, de acordo com Agostinho, surge quando pelo menos um desses atributos é corrompido. Quanto mais essas perfeições são corrompidas, maior é o grau de mal presente na natureza. No entanto, o mal não é apenas a ausência de bem, mas uma privação que está imersa em um bem, como em seu sujeito. Essa visão complexa do mal destaca sua natureza intrínseca e sua relação íntima com o bem (Costa, 2002).

É importante ressaltar que, para Agostinho, o mal não pode existir fora do contexto do bem. Ele argumenta que somente a partir desses princípios metafísicos é possível compreender a presença do mal no mundo. No entanto, Agostinho enfatiza que o mal não foi criado por Deus. Segundo sua visão, o Sumo Bem não cria nada com natureza corruptível, apenas coisas boas. Assim, Deus criou o mundo bom e concedeu ao homem o livre arbítrio para escolher sua maneira de viver (Agostinho, 2019).

Na filosofia de Santo Agostinho, a análise do mal está profundamente entrelaçada com questões metafísicas e éticas, delineando um quadro complexo que aborda não apenas a natureza do mal, mas também a natureza humana e sua relação com o divino. Agostinho argumenta que Deus, como o Sumo Bem, é a fonte de toda bondade e perfeição, e todas as coisas existem em relação a Ele. Essa concepção metafísica estabelece as bases para sua compreensão do mal no mundo (Agostinho, 2019).

Para Agostinho, o mal não é uma entidade substancial por si só, mas sim uma privação do bem. Ele desenvolve essa ideia ao argumentar que todas as criaturas possuem uma espécie de carência original, uma falta inerente que as leva a buscar preencher essa ausência. Essa condição, configurada pelos atributos universais de medida, forma e ordem, torna as coisas criadas boas. No entanto, a corrupção desses atributos resulta no mal, que é uma privação imersa no bem (Gilson, 2006).

A liberdade humana desempenha um papel central na compreensão do mal para Agostinho. Ele afirma que Deus concedeu ao homem o livre arbítrio, possibilitando-lhe escolher entre praticar o bem ou subverter a ordem natural em direção ao mal. Assim, o mal moral surge como uma consequência da liberdade humana, não sendo imposto por Deus, mas resultado das escolhas livres dos seres humanos (Evans, 1995).

A razão é outro elemento crucial na abordagem de Agostinho ao mal. Ele sustenta que Deus criou o homem com uma Lei eterna, uma ordenação natural que o orienta a buscar a conexão com o divino e a priorizar a vida racional sobre os prazeres materiais. Essa ordenação natural permite que o ser humano escolha entre praticar o bem pela boa vontade ou subverter essa lei pela má vontade, escolhendo os prazeres mundanos em detrimento de Deus (Agostinho, 2019; Cary, 2013).

Agostinho também aborda o papel do pecado original na origem do mal. Ele explica que Deus criou o primeiro homem em um estado de graça, incorruptível e imortal, cuja vontade estava submissa à razão. No entanto, o pecado do primeiro homem alterou essa natureza inicial, resultando na perda da graça santificante e na marca do pecado original que afeta toda a humanidade (Gilson, 2006).

Por meio da graça divina, Agostinho acredita que é possível restaurar a ordem perdida. Deus concede sua graça àqueles que consentem em agir com boa vontade, permitindo-lhes agir em conformidade com a sabedoria divina sem comprometer sua liberdade. Assim, a graça possibilita ao homem praticar o bem livremente, sem se desviar do propósito racional estabelecido por Deus (Agostinho, 1995; Oliveira, 1995).

Em síntese, para Agostinho, o mal é uma privação do bem que surge da liberdade humana desviada do propósito racional estabelecido por Deus. Sua análise abrange não apenas a origem metafísica do mal, mas também sua manifestação no mundo humano, enfatizando a

importância da razão, da liberdade e da graça divina na busca pela redenção e pela virtude.

Para ele, a condição do pecado original, herdada de Adão e Eva, enfraqueceu e corrompeu a vontade humana, tornando-a propensa ao mal. Ele descreve essa condição como curvata in se, uma curvatura sobre si mesma, que dificulta alcançar plenamente o bem e inclina a busca por satisfação e prazer egoístas (Brown, 2005).

Além disso, Agostinho ressalta que a liberdade humana por si só não é suficiente para vencer o pecado e o mal. Ele enfatiza a importância da graça divina na redenção e transformação da vontade humana, argumentando que somente por meio da graça de Deus a vontade pode ser restaurada ao seu estado original de busca pelo bem e união com o divino (Silva, 2008). Assim, para o filósofo, o mal está intrinsecamente ligado à vontade humana, sendo o pecado sua fonte primordial.

Contudo, Agostinho também destaca o papel crucial da graça divina na regeneração da vontade humana e na superação do mal. Seu pensamento influenciou profundamente o pensamento cristão subsequente, moldando a compreensão da natureza humana, da liberdade e da importância da graça divina na luta contra o mal (Silva, 2008). Em suas obras, Agostinho mergulha profundamente nessas complexas relações entre o mal e a vontade humana, oferecendo uma análise teológica e filosófica detalhada.

O legado de Agostinho ressoa no cristianismo posterior, especialmente na compreensão da natureza humana e da necessidade da graça divina para vencer o mal. Sua abordagem minuciosa e profunda influenciou significativamente o desenvolvimento do pensamento teológico e filosófico, delineando um caminho para a compreensão da condição humana e a busca pela redenção (Cary, 2013).

Portanto, as contribuições de Agostinho oferecem uma visão abrangente e profunda sobre o mal e sua relação com a vontade humana, destacando tanto a fragilidade inerente à condição humana quanto a esperança de redenção por meio da graça divina. Seu legado perdura como um farol na exploração das complexidades morais e espirituais da existência humana, continuando a inspirar pensadores e crentes ao longo dos séculos (Cary, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão de Santo Agostinho sobre a origem do mal e sua relação com a natureza humana revela uma abordagem que transcende as fronteiras entre a teologia, a filosofia e a psicologia. Suas ideias sobre o mal como uma privação do bem, sua ligação com o pecado original e a influência da vontade humana nesse contexto foram exploradas ao longo deste estudo.

Ele destaca a importância da liberdade da vontade humana na escolha entre o bem e o mal, enquanto o pecado original é apontado

Re(senhas)

como o catalisador para a entrada do mal no mundo humano. Além disso, enfatiza a necessidade da graça divina como meio de superação do mal, oferecendo uma visão de esperança e redenção para a humanidade. Ao conectar fé, razão e vontade humana, Agostinho convida à reflexão sobre questões fundamentais da existência humana e busca de respostas para o mistério do mal.

Sua abordagem multidisciplinar e sua análise psicológica do mal oferecem insights valiosos para compreender as complexidades da natureza humana e os desafios morais que enfrentamos. Em última análise, as reflexões de Santo Agostinho ecoam nos debates contemporâneos sobre o mal e a ética, inspirando a busca por uma vida virtuosa e o cultivo de uma relação mais profunda com o divino. Seu legado convida a confrontar o mal com coragem e esperança, confiantes na capacidade da vontade humana de escolher o bem e na graça divina que sustenta essa jornada.

REFERÊNCIAS:

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Tradução do latim e prefácio de L. Mammi. 2ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras; 2017.

AGOSTINHO, S. **A Cidade de Deus**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2000.

Re(senhas)



AGOSTINHO, S. **Sobre o livre-arbítrio**. Tradução de E. Toresin. Campinas, SP: Ecclesiae; 2019.

AGOSTINHO, S. **A Verdadeira Religião**. 2ª ed. São Paulo: Paulus; 2007.

AGOSTINHO, S. **Cidade de Deus** (De Civitate Dei). Traduzido por W. Babcock. Hyde Park: New City Press; 2013.

AGOSTINHO, S. **O livre-arbítrio**. Tradução, organização, introdução e notas de N. A. Oliveira. São Paulo: Paulus; 1995.

BIGNOTTO, N. **O Conflito das Liberdades**: Santo Agostinho. Revista Síntese Nova Fase. 1992;19(58):327-359.

BROWN, P. **Santo Agostinho**: uma biografia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record; 2005.

CARY, F. **Mal, Livre Arbítrio, Pecado Original e Predestinação**. Em: Agostinho, Filósofo e Santo. Chantilly: Os Grandes Pratos; 2013.

COSTA, M. R. N. **O problema do mal na polêmica antimaniquêia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: EDIPUCRS/UNICAP; 2002.

CUNHA, M. P. S. **O movimento da alma: a invenção por Agostinho do conceito de vontade**. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2001.

DODARO, R. **Cristo e a sociedade justa no pensamento de Agostinho**. Curitiba: Scripta Publicações; 2014.

EVANS, G. R. **Agostinho** – sobre o mal. Tradução de J. R. Costa. São Paulo: Paulus; 1995.

GILSON, É. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de C. N. A. Ayoub. São Paulo: Paulus/Discurso Editorial; 2006.

Re(senhas)



HORN, C. **Agostinho**: conhecimento, linguagem e ética. Porto Alegre: EDIPUC; 2008.

OLIVEIRA, N. A. Introdução. In: AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. 3ª ed. São Paulo: Paulus; 1995.

OLIVA, L. C. **O mal**. São Paulo: Barcarolla; Discurso Editorial; 2013.

NOVAES, M. **A razão em exercício**: estudos sobre a filosofia de Agostinho. São Paulo: Discurso Editorial; 2007.

PICH, R. H. **Agostinho e a “descoberta” da vontade**: primeiro estudo. Porto Alegre: Veritas. 2005;50(2).

REIS, É. V. B. **O conceito de virtude no jovem Agostinho**: evolução ou revolução. Porto Alegre: PUCRS; 2006.

SILVA, I. de O. **Santo Agostinho**: o problema do mal. São Paulo: Ed. Pilares; 2008.